

Sobre o Ensino da Bioética: Um Desafio Transdisciplinar*

António Carneiro Torres Lima¹

RESUMO

Perante a nova realidade de modelação da vida pelas biotecnologias, cientistas, humanistas e pedagogos, na sua irreprimível inquietude e capacidade de questionamento, têm procurado encontrar respostas para os problemas em aberto, neste imparável movimento e incontestável sucesso da Bioética. Por ser uma área do conhecimento, que engloba várias disciplinas e devido ao seu grande desenvolvimento num curto espaço de tempo, colocam-se, hoje, novos desafios. O ensino da Bioética configura-se como nova experiência sem modelo didáctico definitivo. E a forma tradicional de ensino radicada na concepção disciplinar já não é eficaz para a completa compreensão da Bioética. A natureza transdisciplinar da sua reflexão e a incidência da sua prática, na singularidade do humano, atribuem-lhe um estatuto epistemológico ainda por definir claramente. Por isso, a Bioética lida com saberes na encruzilhada de várias disciplinas e daí alguns autores sugerirem uma concepção interdisciplinar ou transdisciplinar para o seu ensino. Veremos, também, que a concepção filosófica, de inspiração personalista, desenvolvida nos países europeus, por

comparação com os modelos de reflexão anglo-americanos, fortalece a sua dimensão transdisciplinar e reconhece, na antropologia, o suporte fundamentador para o seu ensino. Assim, considerando a proximidade e a permeabilidade das culturas e dos valores morais das sociedades portuguesa e da Europa continental, a concepção europeia da Bioética parece ser a mais apropriada para o ensino entre nós.

Palavras-chave: Bioética; educação; ensino e antropologia.

Nascer e Crescer 2010; 19(2): 102-8

INTRODUÇÃO

Neste breve ensaio “Sobre o Ensino da Bioética: Um Desafio Transdisciplinar”, partimos do facto inovador de a Bioética configurar uma área de conhecimento que engloba várias disciplinas e ter tido um grande desenvolvimento em pouco tempo, suscitando vários desafios. O ensino da Bioética configura uma nova experiência académica sem paradigma didáctico definitivo. A forma tradicional de ensino radicada na concepção disciplinar não é eficaz para a completa compreensão desta nova área do saber, como expressão de uma nova sabedoria prática. Assim sendo, a Bioética lida com saberes na encruzilhada⁽¹⁾ de várias disciplinas, configurando saberes de âmbito pluridisciplinar e pluralista, integrante e unitivo⁽²⁾, interdisciplinar e transdisciplinar para o seu ensino. A concepção hodierna da Bioética, sobretudo a que se tem vindo a desenvolver nos países europeus, vinca a sua dimensão transdisciplinar e reconhece, na antropologia, o suporte para o seu fundamento. Assim, considerando a proximidade e permeabilidade das culturas e dos valores morais das socieda-

des portuguesa e europeia, a concepção europeia da Bioética parece ser a mais adequada para o ensino.

Ainda neste nosso trabalho reflexivo, daremos conta do tipo de interacção que os múltiplos participantes na teorização em Bioética vêm exercendo entre si, apresentaremos as diversas formas de convivência multidisciplinar e interdisciplinar, procuraremos definir as características de uma verdadeira transdisciplinaridade e tentaremos caracterizar a Bioética como uma reflexão transdisciplinar.

Isto porque — como enunciam Patrão Neves e Walter Osswald — “a Bioética é um domínio transdisciplinar da reflexão e da prática sobre as implicações éticas decorrentes dos progressos biotecnológicos no plano humano, animal e ambiental. De origem ainda recente, a Bioética tem vindo a desenvolver-se por diferentes vias complementares como sejam a académico-científica, através da investigação e do ensino, e a institucional, através das comissões que se lhe dedicam.

Hoje é indispensável para cientistas, urgente para diferentes profissionais, estimulante para académicos, pertinente para a sociedade, desenvolvendo-se tanto ao nível de um saber e acção especializados, como ao nível do debate público”⁽³⁾.

POR QUÊ ENSINAR A BIOÉTICA?

Os novos conhecimentos sobre a vida e a natureza, decorrentes dos progressos biotecnológicos no plano humano, animal e ambiental, geraram técnicas com arrojado poder de manipulação da vida, com poder de a artificializar, modificar por parte da acção humana, mediada pelas biotecnologias e que estão na base do surgimento e avassalador desenvolvimento da Bioética⁽²⁾. Por conseguinte, o

¹ Mestre em Bioética e Ética Médica, pela Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. Membro da Sociedade Portuguesa de Bioética e perito para a área da Antropologia. Doutorando em Bioética e Investigador no Instituto de Bioética da Universidade Católica Portuguesa no Projecto “Natureza e Ética” (POCI/FIL/60410/2004).

* Este ensaio é dedicado aos Sres. Professores Doutores Daniel Serrão, Walter Osswald e Luís Archer pelo ensino da Bioética em Portugal.

crecente uso dessas técnicas foram revelando a discrepância entre o progresso das tecnologias e a maturidade das reflexões morais sobre as suas consequências. Facto evidente dessa discrepância é o próprio surgimento da Bioética, na década de setenta, pelo seu rápido desenvolvimento, e o reconhecimento da necessidade de ensiná-la, nas universidades, ao lado do ensino das ciências e sua aplicação. Estamos face a uma abordagem que marca a mundividência de todos aqueles que se têm dedicado à reflexão teórica e implementação prática do processo ensino-aprendizagem da educação/formação graduada e Pós-graduada em Bioética.

Ideias, reflexões e análises, que ofereçam padrões, daquilo que é bom e do que é mau, do que é certo e do que é errado, do que é legítimo e do que é ilegítimo, à luz dos valores morais vigentes, estão a ser implementadas como parte integrante da formação profissional nas áreas da biologia, da saúde, do ambiente, do direito, da economia, entre outras. No dealbar deste novo milénio, já se percebeu que biólogos, médicos, enfermeiros, ecologistas, etc, somente estarão preparados para o exercício profissional, se, na sua competente formação teórica, científica e técnica, também forem treinados para o reconhecimento de situações de conflitos éticos, análise crítica das suas implicações, apurado sentido de (co-)responsabilidade(s) e obrigação moral de tomar decisões relacionadas com as implicações éticas decorrentes dos progressos biotecnológicos no plano humano, animal e ambiental.

Como nos lembra Pellegrino⁽⁵⁾, a exigência deste perfil profissional surge, não como inovação do academismo teórico, mas como reivindicação das sociedades modernas e pluralistas. O crescente número de cursos de Bioética em universidades americanas, latino-americanas, canadianas, australianas, europeias, brasileiras, portuguesas, etc., estão a proporcionar não apenas o ensino da Bioética, ao nível de graduação, aperfeiçoamento e especialização, mas também, em algumas delas, surge a oferta de formação específica, com atribuição do título de mestre e/ou doutor em Bioética.

Por conseguinte, nos países com forte desenvolvimento biotecnológico, o ensino da Bioética está predominantemente voltado para os problemas éticos, gerados pela aplicação das novas tecnologias, tendo, porém, maior amplitude noutras latitudes os de cariz biotecnológico emergente, bem como os problemas nacionais específicos^(6,7), inerentes à diversidade cultural, social, económica e ambiental. A depender da área de ensino (Biologia, Medicina, Filosofia, Direito, Teologia, Economia, Tecnologias da Comunicação e da Informação, etc.), ou da região em que se ministrem cursos de Bioética, é importante que problemas específicos de cada país, tanto quanto problemas pertinentes dos desenvolvimentos da tecnologia, sejam reflectidos e analisados à luz dos valores morais, prevaletentes nessa sociedade⁽⁸⁾, reconhecendo que a idoneidade moral que se exige, a par com a competência nos seus respectivos domínios académico-profissional, não invalidam os benefícios de uma formação em Bioética, como contributo para um juízo moral criterioso⁽⁹⁾.

COMO ENSINAR A BIOÉTICA?

Porque a Bioética é uma nova e complexa área de novos saberes, com uma história recente, com pouco mais de três décadas, foi-se desenvolvendo e diversificando numa rapidez de crescimento sem precedentes na história das ciências, configurando, na actualidade, uma ampla variedade de áreas tematizadas e questionamentos fundamentais sobre o seu próprio significado. Assim — mais do que uma “moda efémera” — segundo os primeiros críticos da Bioética — ela é, sobretudo, como gostam de afirmar Patrão Neves e Walter Osswald, “filha do seu tempo: por um lado porque emerge na intercepção de uma pluralidade de circunstâncias, apresentando-se espaço-temporalmente situada e profundamente enraizada nas necessidades concretas de uma sociedade; por outro, porque se desenvolve ao ritmo da sua capacidade de ir respondendo satisfatoriamente aos problemas reais que aborda. Eis o que justifica o sucesso e a consequente expansão ou efectiva globalização da Bioética”⁽³⁾. Porém, no

contexto do tema que estamos a abordar, o ensino da Bioética, com Lenoir⁽¹⁰⁾ podemos perguntar: É a Bioética uma disciplina? Um movimento? Ou — como também se questiona Bernard⁽¹¹⁾ — uma nova ciência a exigir métodos próprios para a produção de conhecimento?

Aprendemos que a Bioética é mais do que uma disciplina, é também mais do que uma Ética Médica e — o tempo o confirmará — talvez não seja apenas uma ética aplicada, mas uma “ética implicada” na reflexão-acção, com sentido⁽¹²⁾, desenvolvendo-se ao nível de um saber e acção especializados, sobre os progressos biotecnológicos no plano humano, animal e ambiental. Por consequência, como ensinar a Bioética é o desafio pedagógico da actualidade. E, a este desafio responde, com intenção e preocupações de promoção do ensino da Bioética no mundo, Lenoir: “Se o escopo da Bioética deve ser multidisciplinar, resta saber se é preferível tê-la dentro de uma formação clássica — com o educador encarregado, responsável por recorrer às competências de outros participantes, segundo as modalidades que ele pode definir — ou se deve constituir uma nova disciplina. Nesta última hipótese, coloca-se o problema da concepção da formação a ser usada por futuros professores de Bioética”⁽¹⁰⁾.

Este magno desafio exige reflexões sobre dois aspectos essenciais, que discutiremos de seguida: primeiro, a busca de uma concepção pedagógica, que melhor possa responder às exigências da Bioética; segundo: a compreensão dos fundamentos da antropologia da Bioética, tanto nos países anglo-americanos como nos europeus.

QUE BASES CONCEPTUAIS PARA O ENSINO DA BIOÉTICA?

A Bioética desenvolve-se num contexto caracterizado pela confluência de saberes de várias disciplinas e em plena era da ciência moderna. Como indicaremos de seguida, assim aconteceu, por exemplo, no âmbito da Epistemologia da Biologia⁽¹³⁾ e da Epistemologia das Ciências da Educação, que apresentaremos adiante, em nota de fim do documento, no presente ensaio.

E ainda que a divisão do conhecimento em disciplinas seja arbitrária (o objecto das ciências é a natureza que, em si, é único e indivisível), cientistas e educadores foram no passado, e continuam no presente, a ser herdeiros de uma cultura que identifica as disciplinas como algo inerente ao conhecimento científico. Consequentemente, os saberes existentes na interface das disciplinas, apresentam difícil consolidação por pertencerem a áreas, supostamente, diferentes. Assim se foram forjando termos e conceitos que, na encruzilhada das disciplinas, procuram sistematizar as suas imbricações. Para vários autores, os termos multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade devem ser entendidos do seguinte modo:

- **Multidisciplinaridade ou pluridisciplinaridade:** Consiste na simples justaposição de disciplinas. Por conseguinte, nenhum pressuposto de ligação entre elas é exigido;
- **Interdisciplinaridade:** Requer o conhecimento do conceito de cada disciplina envolvida a fim de integrá-las.
- **Transdisciplinaridade:** Requer uma unidade conceptual entre as disciplinas e uma “metateoria” das mesmas.

Na elaboração geral de cursos e currículos, a multidisciplinaridade é a forma mais simples e a mais usada em qualquer parte do mundo.

A interdisciplinaridade, por sua vez, é mais difícil, porém vamos encontrá-la em certas áreas do saber interdisciplinar da Biologia, da Química, da Genética, do Desenvolvimento Pessoal e Social, etc.

A transdisciplinaridade é considerada extremamente difícil de ser alcançada devido à ausência de conhecimentos profundos em mais do que uma disciplina prevista para a sua integração. É oportuno verificar que esta magna dificuldade decorre, precisamente, da tradição histórica de produzir e transmitir conhecimento em unidades didácticas, chamadas disciplinas, as quais descaracterizam a unidade existente na ciência.

Hoje, perceber que para ser bioeticista é preciso sensibilidade e abertura ao contributo específico da Biologia, Me-

dicina, Filosofia, Enfermagem, Sociologia, Economia, Política, Teologia, Direito, Comunicação Social, etc., enquanto âmbitos do saber e da prática para a problematização e elucidação das temáticas da Bioética, num cumprimento amplo do desígnio de transdisciplinaridade que caracteriza a Bioética e que se vai constituindo em países europeus, como proposta de concepção didáctica.

Porém, numa lista de quarenta e quatro cursos de Bioética, divulgados em vários *sites* de universidades norte-americanas, a maioria não define a concepção da disciplina, e, em apenas cinco (11%), o termo interdisciplinaridade é usado para definir a concepção didáctica do curso. Na mesma linha de pensamento existe quem admita ser a Bioética o protótipo do conhecimento interdisciplinar. Em contrapartida, para outros que verificam a complexidade do ensino da Bioética, assinalam a possibilidade de se adiar a definição de uma concepção didáctica, propondo, contudo, que o objectivo do seu ensino cumpra a finalidade de fazer com que os alunos tenham a capacidade de articular as diferentes visões disciplinares.

Fazendo um ponto da situação sobre o actual cenário do ensino da Bioética, apercebemo-nos que os países europeus se direccionam no sentido da transdisciplinaridade, enquanto as universidades americanas acentuam a interdisciplinaridade. E sendo a interdisciplinaridade uma ponte para a transdisciplinaridade é legítimo aceitar modelos didácticos que não querem atravessá-la. Porém, à medida que o tempo ajuda a decantar ou consolidar as experiências pedagógicas, nas várias partes do mundo, a Bioética, colhendo o contributo das várias experiências do seu processo de aprendizagem, verá melhor compreendida a sua concepção didáctica. Por conseguinte, o desiderato da transdisciplinaridade, eventualmente debilitado por alguns pedagogos, emerge não como termo da esperança didáctica da sua implementação, mas como fronteira pedagógica da acção humana no ensino da Bioética.

SÍNTESE DE FACTORES PARA O PARADIGMA TRANSDISCIPLINAR NO ENSINO DA BIOÉTICA.

Sintetizamos o conjunto de condicionantes ou pressupostos para o emergir de um paradigma transdisciplinar, no ensino da Bioética, nos seguintes factores:

- Nova consciência e responsabilidade ética da opinião pública;
- Possibilidades acrescidas das ciências biomédicas;
- Complexificação das ciências da vida, da saúde e do ambiente;
- Eventual uso indevido das novas tecnologias e abusos cometidos por clínicos;
- Complexidade dos problemas no campo da biomedicina, tecnicização da medicina e desumanização das terapias médicas;
- Insegurança ética de alguns profissionais da saúde devido a uma formação em ética menos sólida que a desejável;
- Infracção da congruência e da coerência exigível a todo o sistema teórico ou o resvalar para uma postura eclética no exercício da actuação bioética;
- Pluralismo ético da sociedade;
- Pluridisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade na abordagem dos temas, assuntos, problemas e dilemas éticos;
- Maior consciência da importância dos direitos do homem;
- Implementação do consentimento informado, livre e esclarecido;
- Crise da noção de progresso como essencialmente positivo e a intensificação do questionar da ciência;
- A problematização de uma adequada distribuição dos recursos técnicos e humanos;
- A convivência de diferentes convicções religiosas e seculares.

Todos estes factores indicados convergem para a preocupação fundamental, que está na base do nascimento da Bioética, do surgimento da necessidade do ensino da Bioética e do “desafio transdisciplinar que faz incidir a sua reflexão sobre as questões que decorrem da

aplicação das biotecnologias ao homem e que ameaçam a dignidade da pessoa humana, na integralidade da sua singularidade e na universalidade da sua humanidade⁽²⁾, em ordem a uma visão global que promova um desenvolvimento harmónico e leve a uma abordagem holística da pessoa humana. Enfim, a Bioética especifica-se como novo domínio do saber, fundamentando-se sobretudo na transdisciplinaridade da sua reflexão-acção e, também, no ineditismo das suas temáticas⁽²⁾.

ALGUNS DESAFIOS

Sabemos, por experiência própria, que a Bioética é, reconhecidamente, um saber que exige práticas pedagógicas específicas. A diversidade de saberes que constitui a Bioética e o seu objectivo didáctico de abrir horizontes, para a percepção e compreensão de responsabilidades morais, traduzem a sua complexidade. Atingir este objectivo será difícil se a reflexão e a transmissão de conhecimentos de forma compartimentada, ministrados por docentes, muitas vezes, sem compromisso académico com a própria finalidade de ensinar a Bioética. Por isso, é fundamental que os docentes, directamente responsáveis pelo ensino da Bioética, dominem o conceito de cada disciplina envolvida (interdisciplinaridade) ou, melhor ainda, consigam, com esforço, tempo e dedicação, perceber a unidade conceptual entre as disciplinas que integram um curso de Bioética (transdisciplinaridade).

E porque a bioética se situa em zonas de intersecção de vários saberes, designadamente das tecnociências (sobretudo a Biologia e a Medicina), das humanidades (Filosofia, Ética, Teologia, Psicologia, Antropologia), das ciências sociais (Economia, Politologia e Sociologia) e doutras disciplinas como o Biodireito, a transdisciplinaridade significa que os cientistas têm de integrar, na sua estrutura mental, os valores, as normas morais, as jurídicas e os critérios humanistas, assim como estes têm de incorporar, nos seus paradigmas, os métodos e critérios científicos⁽¹⁴⁾.

Esta busca transdisciplinar faz-se, além disso, numa sociedade plural (nem

sempre pluraista) de horizontes ideológicos heterogéneos acerca do valor da vida e da morte. Esta heterogeneidade que constitui mesmo a causa de múltiplos problemas bioéticos. Por isso ela não deve ser negada, sob pena de desvirtuar a Bioética, que deverá até dar voz àqueles que a não têm, registando as diferentes vozes que compõem o discurso bioético, rumo a espaços dinâmicos de estudo fundamentado e por muitas outras actividades⁶, de investigação e de diálogo profícuo, capaz de fornecer, ao grande público e aos governos, as perspectivas capazes de fundamentar a definição das grandes opções oficiais sobre a política educativa, científica e tecnológica.

Finalmente, para o ensino da Bioética, compreende-se que uma concepção multidisciplinar em sentido estrito não satisfará. A simples justaposição de conhecimentos de Antropologia, Filosofia, Biologia, Genética, Ética, Direito, Teologia, etc., sem que os professores e os alunos percebam a interdependência destas disciplinas, a sua unidade e conheçam a especificidade dos seus conteúdos, jamais resultará em processo de ensino-aprendizagem eficaz.

FUNDAMENTAÇÃO TRANSDISCIPLINAR DA BIOÉTICA

Do estudo comparado e do percurso pelos paradigmas dos países europeus e dos anglo-americanos, Patrão Neves⁽¹⁵⁾ traça o processo de surgimento da Bioética, os diversos factores que moldaram o seu desenvolvimento, salientando a necessidade e a importância de uma fundamentação filosófica para a Bioética e afirmando que é a tradição filosófica de uma comunidade que molda a sua mentalidade analítica e crítica⁽⁷⁾. Com base nesta concepção, salienta, ainda, que foi nos países anglo-americanos que a Bioética se desenvolveu e criou as condições favoráveis à sua tecnicização e funcionalização, existindo, portanto, a figura do profissional bioeticista nas instituições de saúde norte-americana. Salienta, também, que, nestes países, a tradição filosófica que fundamenta a Bioética conduz ao desenvolvimento de normas, isto porque, nos países anglo-americanos, prevalece o entendimento de que "o conjun-

to de regras, que conduzam a uma boa acção, caracteriza uma moral"⁽¹⁵⁾.

Na Europa continental, pelo contrário, prevalece a tendência para se compreender a Bioética como uma nova disciplina filosófica de dimensão transdisciplinar, embora com "diferentes perfis e diferentes espaços geoculturais"⁽¹⁶⁾. Na Europa, a figura do bioeticista é substituída pela do consultor, e a tradição filosófica que fundamenta a Bioética inquirir "acerca do fundamento do agir humano, dos princípios que determinam a moralidade da acção, constituindo-se numa ética". Estas diferenças decorrem dos diferentes factores que modelaram o desenvolvimento da bioética nos países anglo-americanos e europeus, respectivamente.

Nos Estados Unidos, mais do que na Europa, existe um conjunto de modelos de análise teórica para a fundamentação da Bioética, dos quais mencionamos alguns, a saber:

- **O modelo principalista** (Beauchamp e Childress)⁽¹⁶⁾, amplamente divulgado, no qual os princípios da beneficência, não maleficência, justiça e autonomia (denotando preferência por este último), são os norteadores das decisões. Este modelo foi muito bem recebido pelos profissionais da saúde, na prática clínica e tem as suas raízes na história da filosofia ou na tradicional ética médica;
- **O modelo libertário** (Engelhardt)⁽¹⁷⁾, inspirado no liberalismo americano, parte das concepções expressas por Robert Nozick⁽⁸⁾ sobre o valor central da autonomia e do valor do indivíduo, levando-as ao extremo;
- **O modelo da virtude** (Pellegrino e Thomasma)⁽¹⁸⁾, parte da tradição grega de uma ética da virtude, colocando a tónica no agente, especialmente orientado para despertar nos profissionais da saúde o valor da virtude e incorporando plenamente o paciente no seu processo de decisão;
- **O modelo casuístico** (Josen e Toulmin)⁽¹⁹⁾, radicando na ausência de quaisquer princípios orientadores para a acção, preconizando que cada caso seja analisado como um caso,

estabelecendo-se comparações e analogias com outros casos;

- **O modelo do cuidado** (Gilligan)⁽²⁰⁾, contrapondo o valor do cuidado ao da justiça, defendendo o valor do cuidado como o mais personalizado e atendendo ao valor dos indivíduos envolvidos; é um esquema mais fundamentado na psicologia do que na filosofia;
- **O modelo contemporâneo** (Finnis)⁽²¹⁾ que afirma que o conhecimento, a vida estética, a vida lúdica, a racionalidade prática, a religiosidade e a amizade são bens fundamentais em si mesmos;
- **O modelo contratualista** (Veatch)⁽²²⁾ radicado na importância de um tríptico contracto: entre médico-e-paciente, entre médico-e-sociedade e entre médico-e-princípios orientadores da relação médico-doente.

Nos países europeus, de um modo geral, não existe uma atitude de boa aceitação dos modelos anglo-americanos. Segundo Patrão Neves, o paradigma europeu prevaemente é de inspiração personalista, enraizado na filosofia europeia contemporânea — na fenomenologia, no existencialismo, na perspectiva narrativa, na hermenêutica, enfatizando a interpretação na bioética, contribuindo como “ética interpretativa” para uma melhor assistência ética no contexto de cuidados de saúde, pela sua repercussão de dimensões do humano tantas vezes negligenciadas⁽¹⁵⁾.

Por conseguinte, a tendência personalista radica na dignidade universal da pessoa como valor supremo, coloca a pessoa no centro das acções e das decisões e enuncia as categorias essenciais da pessoa como pessoa. Por ter a pessoa como centro, o modelo personalista busca, na fundamentação antropológica, um desenvolvimento harmonioso entre teoria e prática. A pessoa torna-se o fundamento da ordem ética e a antropologia o fundamento da bioética⁽¹⁵⁾.

Desta forma, Patrão Neves estabelece que, para os países europeus, é na antropologia que se encontra a fundamentação filosófica da Bioética. Entende-se, assim, que são os saberes da antropologia filosófica e também da antropologia cultural, que constituem os pilares (refe-

renciais teóricos) desta fundamentação. Depreende-se também que, para que se compreenda o valor intrínseco da pessoa como fundamento da ordem ética, é necessário que se compreenda o que é a pessoa humana na plenitude das suas dimensões: a dimensão cultural (linguagem, história, crenças, arte e ciência); a dimensão metafísica (transcendência, espiritualidade, morte, imortalidade); a dimensão corpórea (funções, propriedades e valores do corpo humano), conhecimentos estes que constituem o conteúdo de livros didáticos de Antropologia Filosófica⁽⁹⁾. Também “o sucessivo alargamento temático da Bioética terá contido, necessariamente, com um crescente número de intervenientes de formação académico-profissional cada vez mais diversificada. A sua identificação contribuirá para consolidar a Bioética como uma reflexão e uma prática de natureza transdisciplinar, isto é, que envolve diferentes domínios académico-científicos e técnico-profissionais sem, todavia, se reduzir ao seu campo de intersecção (interdisciplinaridade), mas antes projectando-se num plano epistemológico e num campo de actividades específicos, que se situam para além das perspectivas particulares das disciplinas que a constituem”⁽¹⁵⁾. Portanto, “... a perspectiva europeia tende a compreender a Bioética como uma nova disciplina filosófica de dimensão transdisciplinar, a expressão de uma nova sabedoria” e que “já se constitui, em países europeus, como uma proposta de concepção didáctica”, num esforço para garantir a prossecução do desenvolvimento científico-tecnológico, no respeito pela dignidade humana e ao serviço da humanidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dos autores compulsados para a elaboração deste nosso breve ensaio “Sobre o Ensino da Bioética: Um Desafio Transdisciplinar”, podemos apresentar as seguintes considerações finais e perspectivas:

Para aqueles que consideram a Bioética como uma área do saber complexa e recente, não existe, para o seu ensino, uma tradição pedagógica específica nem uma experiência didáctica consolidada.

No percurso feito por Luís Archer “Da Genética à Bioética”, verificamos que, nesse itinerário, o Autor coloca-nos face à incorporação de conhecimentos de várias disciplinas para a construção do conteúdo específico do seu saber, apresentando-nos a reflexão feita por geneticistas no início deste século, na qual o conceito de “transdisciplinaridade” estava implícito e que acaba por fundamentar. Na verdade, é necessário fazer a distinção entre a Bioética como um conjunto de assuntos, temas, problemas e dilemas, em áreas interdisciplinares diversificadas, e a sua vertente multidisciplinar e transdisciplinar. Assim, apontando o carácter multidisciplinar e transdisciplinar da Bioética — enquanto saber multidisciplinar, “a Bioética é uma disciplina nova do conhecimento que os homens lúcidos do nosso tempo reclamam com urgência das ciências ‘duras’, das ciências humanas e das ciências sociais (...)”, e, como sabedoria transdisciplinar, a Bioética “pretende manter a autonomia e independência tanto das áreas científicas quanto das humanistas, respeitando e aceitando os seus diferentes métodos, linguagem, objectivos e conclusões, mas procurando encontrar a sua complementaridade na busca de respostas consensuais para a defesa da dignidade humana”⁽²³⁾ sendo, “hoje, a nossa melhor ponte para um futuro que não seja a catástrofe da humanidade”. Quanto ao tratamento da bioética como metodologia, este proporciona-nos traçar uma fronteira entre mundividências distinguíveis e, por vezes, até opostas. E é claro que numa dessas mundividências, o questionamento pelo genuinamente humano no Homem é um problema com sentido. Porque o homem, não sendo coisificável, nem objectivável, enquanto sujeito, iniciativa ou centro de actos que, por essência, é, nem susceptível de definição, enquanto processo de realização de si. A atenção ao humano no Homem mantém-se como questionamento, inquietação ou apelo constante para todo o agir humano com sentido, no cumprimento do “desejo de viver bem com e para os outros em instituições justas”. Mas dizer que questionamento e inquietação fazem sentido, não significa dizer de forma assertiva que a dimensão responso-

rial é acessível de modo inquestionável e fixada de uma vez por todas. Significa antes, dizer de modo afirmativo que o Mundo e o Homem são e que, portanto, a verdade ética consiste na adequação e coincidência entre a narrativa da vida, o discurso vivenciado, a autobiografia ou a biografar na coerência com uma finalidade unificadora e da “visée do bem”, a experiência moral referente às realidades vividas pelo ser humano, as acções do nosso recto agir humano e a realidade do nosso mundo circundante, na sua globalidade, completude e veracidade. Mesmo que essa verdade, na sua globalidade, só seja alcançável no infinito, rasgando as amarras que, por vezes, nos prendem à telúrica finitude.

Por conseguinte, neste sentido, a Bioética configura-se como uma busca permanente de respostas consensuais, para a defesa da dignidade da pessoa humana, bem como da verdade como expressão do *eschaton*, a *advir*, um *sempre a vir*, (*Zu-Kunft*), na enunciação feliz de Jean Ladrière, de Paul Ricoeur, de Joseph Ratzinger, etc.

Ora, se partirmos deste princípio, então a liberdade do agir genuinamente humano consiste em dar o nosso assentimento, consciente, livre e responsável à verdade, reconhecendo, porém, que esse é sempre um assentimento dado sob a forma de uma busca permanente e persistente. De uma verdadeira busca do Outro que plenifica e dá sentido incondicional, insuperável, inultrapassável ao nosso ser, viver e existir, também como seres educáveis/formáveis pela Bioética, “a grande e generosa utopia do século XXI, sobre a qual se irá construir uma economia global mais justa, uma ecologia mais sensata, uma política mais responsável e uma religião mais alegre — tudo contribuindo para a realização do melhor bem dos seres humanos em paz”⁽²³⁾.

E como a Bioética enfrenta o excesso do limite da acção humana sobre o próprio homem — o excesso do limite entre o verdadeiramente humano e o não humano, o excesso do limite entre o dever austero e integral e o seu repúdio, podendo promover apenas os direitos individuais à autonomia, ao desejo e à *felicidade light*, o excesso do limite entre o que é legítimo

e o que não é legítimo, o excesso do limite entre o bem e o mal, o excesso de limite entre a prudência e a imprudência. Como ensina Aristóteles, na *Ética a Nicómaco* “... é impossível ser prudente, não sendo bom”. Portanto, a grande questão suscitada pela Bioética, de acordo com esta nossa perspectiva, continua a ser: até onde é que se pode introduzir o artificial na vida humana sem fazer perigar a integridade da sua natureza bio-psico-social e espiritual? Ou, quais são os limites éticos para a acção médica ou científico-técnica? Ou, então, num registo de ampliação valencial, extensivo às questões humanas ou antropológicas, a saber: *o que é o homem?* Quem somos e a que aspiramos? Que tipo de homem queremos e devemos construir para o futuro?

Contudo, o forte impulso sob o qual se desenvolve a Bioética, no mundo actual, reflecte concepções filosóficas diferentes e distinguíveis nos países anglo-americanos e nos países europeus. Desta forma, é possível que concepções antropológicas e formulações pedagógicas diferentes também prevaleçam nestes dois conjuntos de países, fundamentando distintamente o ensino da Bioética.

Considerando que a sociedade portuguesa se integra, como membro de pleno direito na União Europeia, é naturalmente herdeira de tradições, culturas e valores morais que comunga e partilha mais com os países europeus do que com os anglo-americanos, esperando-se que também aqui predomine uma Bioética, ora como fundamentação filosófica na antropologia, ora como uma concepção pedagógica transdisciplinar.

Ainda de considerar que a Bioética, na sua origem, natureza e dimensão ergonómica global, como afirma Patrão Neves⁽¹⁵⁾, é essencialmente um novo modo de pensar, a partir do humano como valor fundamental; de agir, a partir de regras que salvaguardem o homem; e de ser, na mais plena realização de si. Porém, esta dimensão ergonómica global, a ter presente numa concepção pedagógica transdisciplinar, deve incorporar, também — conforme propõe Garrafa — “a preservação da biodiversidade, a finitude dos recursos naturais, o equilíbrio dos ecossistemas, os alimentos transgénicos,

o racismo e outras formas de discriminação, a questão da alocação dos recursos escassos, bem como as macro-questões como as gritantes disparidades sócio-económicas e sanitárias colectivas e persistentes verificadas na maioria dos países pobres do Hemisfério Sul”. Assim a Bioética, sob a sua actual perspectiva ergonómica global, (a ter presente numa concepção pedagógica transdisciplinar, não perdendo, como já salientámos, a sua perspectiva biomédica), reforça a sua dimensão ambiental, ganha uma dimensão social, contemplando o ser humano na sua dimensão comunitária e socialmente organizado no âmbito das ciências sociais, pugna por um *ethos* social centrado no impacto que as biotecnologias podem ter nas relações humanas, nas relações da pessoa humana e das comunidades com as diversas instituições e nas relações entre Estados.

Em síntese, “a Bioética, — como afirmam Patrão Neves e Walter Osswald — na transdisciplinaridade da sua dimensão teórica e na projecção pública da sua dimensão prática, permanece radicalmente aberta a todos quantos se interessem pelos temas e problemas que a constituem, além de mobilizadora do envolvimento das sociedades em que se desenvolve como uma nova ética social. Neste contexto, a Bioética é hoje também expressão privilegiada e específica de uma longa tradição humanista numa civilização científico-tecnológica”⁽³⁾.

CONCERNING BIOETHICAL TRAINING: A MULTIDISCIPLINARY CHALLENGE

ABSTRACT

In confronting the new realities of life modelling effected through biotechnologies, humanists, scientists and pedagogues in their eternal insuppressible inquietude and capacity for questioning, have sought answers for the open problems in the unstoppable movement and incontestable success in Bioethics. Being an area of knowledge that encompasses various disciplines and due to its great development in a short space of time, new challenges are presented today. Thus

the teaching of Bioethics is a new experience with no definitive didactic model. The traditional form of teaching following the concept of disciplines is clearly inefficient for the complete understanding of Bioethics. The multidisciplinary nature of its aspects and practice in the individual human being gives it an epistemological status that has yet to be clearly defined. Therefore Bioethics deals with knowledge on the frontiers between various disciplines and thus several authors have suggested an interdisciplinary or multidisciplinary approach to its teaching. When the philosophical basis of personalised inspiration that has been developed in the European countries is compared with the Anglo-American working model the multidisciplinary dimension is strengthened and recognises in anthropological terms the fundamental support for its teaching. To conclude it is considered that the proximity and permeability of the cultures and moral values of Portuguese society and continental Europe that the European conception of Bioethics seems to be more appropriate for teaching purposes in Portugal.

Keywords: Bioethics, education, training, philosophical foundations, and anthropology.

Nascer e Crescer 2010; 19(2): 102-8

BIBLIOGRAFIA

1. Oswald W. A Encruzilhada Bioética. *Brotéria-Cultura e Informação*. 1999; 149:230-35.
2. Neves MCP. O que é a Bioética? *Cadernos de Bioética*. 1996; 11: 7-27.a
3. Neves MCP, Osswald W. *Bioética Simples*. Lisboa, Ed. Verbo. 2007:19 e texto na contra-capá.
4. Archer L. *Bioética: Avassaladora. Porquê?* Brotéria. 1996; 142:449-72
5. Pellegrino ED. La relación entre la autonomía y la integridad en la ética médica. *Boletín de la Oficina Sanitaria Panamericana*. 1990; 108(5,6):379-90.
6. Pellegrino ED. The Metamorphosis of Medical Ethics. A 30-year Retrospective. *JAMA* 1993; 296: 1158-62.
7. Neves MCP, Lima M. *Bioética ou Bioéticas na Evolução das Sociedades*. Centro de Estudos de Bioética dos Açores, Ed. Luso-Brasileira. Gráfica de Coimbra-2. 2005.
8. Nunes, R. Nota do Director do Serviço de Bioética e Ética Médica, in: Lima AT. *Bioética e Antropologia. Coleção Bioética Hoje-VIII*. Serviço de Bioética e Ética Médica da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. Coimbra, ed. Gráfica de Coimbra. 2004 (19-20).
9. Neves MCP. *Comissões de Ética: das bases teóricas à actividade quotidiana*. Pólo Açores, publicação do Centro de Estudos de Bioética. 1996: 7-12.
10. Lenoir N. Promover o Ensino da Bioética no Mundo. *Bioética*. 1996; 4(1):68.
11. Bernard J. *Da biologia à ética. Os novos poderes da ciência. Os novos deveres do Homem*. S. Paulo, Ed. Promotora de Eventos 1994.
12. Nunes RML. Sobre o Ensino da Bioética: um Desafio Transdisciplinar. In: *Bioética e Deontologia Profissional*. Coimbra: Gráfica de Coimbra. 2002; 64.
13. Jorge MMA. *Da Epistemologia à Biologia*. Lisboa: Ed. Instituto Piaget. 1994.
14. Cardoso AL. *A Evolução do Direito (ou Biodireito)*. *Bioética ou Bioéticas na Evolução das Sociedades*. Centro de Estudos de Bioética dos Açores, Edição Luso-Brasileira. Gráfica de Coimbra – 2. 2005.
15. Neves MCP. *A Fundamentação Antropológica da Bioética*. *Bioética*. 1996; 4(1).
16. Neves MCP. *A Fundamentação Antropológica da Bioética: Bioética ou Bioéticas: consenso e diferenças*. *Cadernos de Bioética*. 2002: 30.
17. Engelhardt T: *The Foundations of Bioethics*. New York/Oxford: Oxford University Press 1995.
18. Pellegrino ED, Thomasma D. *For the Patient's Good. The Restoration of Beneficence in Health Care*. New York/Oxford: Oxford University Press 1988.
19. Jonsen AR, Toulmin S. *The Abuse of Casuistry A History of Moral Reasoning*. Berkeley/Los Angeles/London: University Press 1988.
20. Gilligan C. In *a Different Voice Psychological Theory and Women's Development*. Cambridge, Massachusetts and London, England. Harvard University Press 1982.
21. Finnis J. *Natural Law and Natural Rights*. Oxford: Clarendon Press 1980.
22. Veatch R. *A Theory of Medical Ethics*. New York: Basic Books 1981.
23. Archer L. *Transdisciplinaridade e pluralismo*. In: *Bioética-Coord*. Archer L, Biscaia J, Osswald W. Lisboa - São Paulo: Editorial Verbo 1996.